



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JÉSSICA VANESSA CAVALHEIRO
MARIZANE SBEGHEN**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHO DE DESCOBERTAS E COMPREENSÃO
DO MUNDO**

CHAPECÓ/SC

2015

JÉSSICA VANESSA CAVALHEIRO
MARIZANE SBEGHEN

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHO DE DESCOBERTAS E COMPREENSÃO
DO MUNDO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Lisaura Maria Beltrame.

CHAPECÓ/SC

2015

JÉSSICA VANESSA CAVALHEIRO
MARIZANE SBEGHEN

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHO DE DESCOBERTAS E COMPREENSÃO
DO MUNDO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Lisaura Maria Beltrame

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
01/07/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Lisaura Maria Beltrame – UFFS

Prof^ª. Me. Andréa Simões Rivero – UFFS

Prof^ª. Me. Rosa Maria Cominetti – UNOCHAPECÓ

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHO DE DESCOBERTAS E COMPREENSÃO DO MUNDO

Jéssica Vanessa Cavalheiro*

Marizane Sbeghen**

Profª. Me. Lisaura Maria Beltrame***

Resumo

Este artigo visa apresentar reflexões em torno da temática “Contação de Histórias”, provinda de nosso reencontro com experiências do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, realizado durante o primeiro semestre de 2014, nos municípios de Seara/SC e Planalto Alegre/SC, com turmas do Maternal I e II. Tendo como foco de pesquisa investigar a importância da contação de histórias no processo de aprender e desenvolver da criança, fundamentando-nos teoricamente em Vygotsky e demais autores que se propõem a discutir a contação de histórias. Para tanto, o presente trabalho guiou-se pelos seguintes objetivos: Compreender quais são as contribuições da prática educativa enfatizada na contação de histórias para a Educação Infantil; Investigar o que as crianças pensam sobre os momentos de contação de histórias; Analisar as contribuições de Vygotsky na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para atingir os objetivos pretendidos, recorreu-se a metodologia da pesquisa bibliográfica. Assim sendo, é em meio a esse contexto de pesquisa, que evidenciamos embasadas nos pressupostos da teoria histórico-cultural, que as relações do ser humano com o meio constituem a alavanca para os processos de aprendizagem e desenvolvimento do homem. Nesse sentido, temos a clareza de que a internalização do conhecimento decore de uma organização interna de informações e aprendizagens que a criança adquire estando em contato com outras pessoas e objetos. Sendo o professor um mediador que contribui com a criança a partir da contação de histórias a desenvolver diferentes habilidades cognitivas e a linguagem, a alcançar os diversos patamares do desenvolvimento humano, assim como, aguçar a sua imaginação. Paralelamente, em conformidade com os estudos referentes à contação de histórias, apreendemos esse momento enquanto enriquecedor do imaginário infantil e promovedor do desenvolvimento psicológico, criativo e emocional da criança, ao passo que, permite a essa adquirir novos conhecimentos, compreender o mundo e a si mesma, e conseqüentemente criar a sua identidade pessoal. Já no que diz respeito as entrevistas e os momentos de contação de histórias realizados com as turmas supracitadas, essas nos apontaram a preferência das crianças por personagens midiáticos e o quão importante é para elas esses momentos de exploração da imaginação. Nesse ínterim, defendemos a presença da contação de histórias nos Centros de Educação Infantil, pois inferimos ser esse, um espaço educativo que permite a criança aprender e desenvolver-se em sua totalidade (intelectual, psicológico e emocional, etc.) assim como estimular o seu imaginário. Uma vez que, compreendemos a contação de histórias enquanto

* Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia – 10ª fase da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC. E-mail: jessy.v.c@hotmail.com

** Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia – 10ª fase da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC. E-mail: marizanesbeg@hotmail.com

*** Orientadora e Docente pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Membro voluntário da Associação Regional Oeste Catarinense – OMEP – BR – SC. Pesquisadora na área de educação infantil, infância, ludicidade (jogo, brinquedo e brincadeiras). E-mail: lisaura@unochapeco.edu.br

um caminho de descobertas e compreensão do mundo.

Palavras-chave: Contação de histórias. Desenvolvimento. Aprendizagem. Educação Infantil.

Abstract

This article presents reflections on the theme “storytelling”, coming to our reunion with Supervised Training experiences in Early Childhood Education, held during the first semester of 2014, in Seara/SC and Planalto Alegre/SC, with Maternal I and II classes. The research focus is to investigate the importance of storytelling in the process of learning and developing child, theoretically basing themselves in Vygotsky and other authors who propose to discuss storytelling. Therefore, this study was guided by the following objectives: to understand what are the contributions of educational practice emphasized in storytelling for Early Childhood Education; investigate what children think about the moments of storytelling; analyze the contributions of Vygotsky on learning and child development. To achieve the desired objectives, we used the methodology of bibliographic research. Therefore, it is amidst this context research, which evidenced based in the premises of the historical and cultural theory that relations between human beings and the environment are the lever to the processes of learning and human development. In this sense, we have the clarity that the internalization of knowledge elapses of an information internal organization and learning that the child acquires being in contact with other people and objects. It is the teacher a mediator who helps with the child from storytelling to develop different cognitive skills and language, achieving the different levels of human development, as well as sharpen their imagination. At the same time, in accordance with the studies on the storytelling, grasp this moment while enriching the child's imagination and a promoting of psychological development, creative and emotional child, whereas allows that make discoveries, new knowledge, understand the world and itself, and thus create your personal identity. In what concerns the interviews and the moments of storytelling performed with the above groups, these showed the preference of children for media characters and how important it is for them these exploration and imagination moments. In the meantime, we defend the presence of storytelling in Early Childhood Education Centers, as we infer that this is an educational space that allows children to learn and develop in its entirety (intellectual, psychological and emotional, etc) as well as stimulate their imagination. Once we understand the storytelling as a path of discovery and understanding of the world.

Key words: Storytelling. Development. Learning. Childhood education.

1 TATÁ INICIA O DIÁLOGO...

Fotografia 01 – Tatá.
Fonte: Arquivos pessoais
Jéssica e Marizane, 2015.



Este Trabalho de Conclusão de Curso é fruto das reflexões, observações e análises sobre os momentos de contação de histórias realizados no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),

ocorrido no CEI Dona Ilse da cidade de Seara/SC, e no CEI Cantinho do Saber da cidade de Planalto Alegre/SC, com turmas do Maternal I e II, no ano de 2014. As reflexões e análises aqui propostas sobre as experiências por nós vividas se detiveram sobre dois CEI's, tendo em vista que nós, acadêmicas que produzimos este artigo em conjunto, realizamos separadamente o estágio mencionado.

Os momentos de contação de histórias e interações com a fantoche Tatá, realizados no estágio e no retorno aos CEI's, permitiram-nos observar o quão mágicos e importantes são para as crianças estes momentos, uma vez que, a partir deles, as crianças nos revelaram as suas compreensões do mundo, os seus medos e alegrias, seus personagens favoritos, clássicos e midiáticos, deixando fluir a mente, a imaginação e a criatividade através da relação estabelecida entre a realidade e a fantasia, além de que o processo de aprendizagem, quando trabalhado através do lúdico, tende a se tornar mais atrativo e instigante aos olhos da criança.

Desse modo, este estudo tem como propósito apresentar a importância da contação de histórias no processo de desenvolver e aprender da criança, fundamentado teoricamente em Vygotsky e demais autores que se propõem a discutir a contação de histórias. No que tange às nossas vivências/experiências com os momentos de contação, faremos utilidade dos registros, escritos e fotográficos, obtidos e produzidos a partir do Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Para tanto, a fim de realizarmos uma reflexão e análise mais consistente, fez-se necessário o nosso retorno aos CEI's campos de estágio, com o intuito de analisar mais informações a respeito da visão e compreensão das crianças sobre os momentos de contação. Dessa forma, o presente artigo/TCC denomina-se enquanto uma pesquisa bibliográfica.

Em virtude dos fatos mencionados, o TCC orientou-se a partir das seguintes indagações: Qual a contribuição da prática educativa enfatizada na contação de histórias para a Educação Infantil? Quais as contribuições de Vygotsky na aprendizagem e desenvolvimento da criança? O que as crianças pensam sobre a contação de histórias? Dado o exposto, este artigo fica assim estruturado: iniciamos com a contextualização histórica da literatura infantil e da contação de histórias; em seguida apresentamos a importância da literatura infantil, sendo exposto no quarto subtítulo o papel da contação de histórias na infância e na Educação Infantil, com ênfase na relação entre a realidade e a fantasia; já para a teoria vygotskyana, referente ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, reservamos o quinto subtítulo, e por fim, antecedendo as considerações finais de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, foi apresentada uma análise sobre os dados coletados nos CEI's campos de estágio, tendo por base as referências teóricas estudadas.

2 TATÁ APROFUNDA O DIÁLOGO

Fotografia 02 – Tatá.
Fonte: Arquivos pessoais
Jéssica e Marizane, 2015.



2.1 PERCORRENDO PELA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

*“A literatura nada mais é do que uma fonte
saudável de alimentação à imaginação infantil”.*
(COSTA, 2008)

Você já parou para pensar de onde vem essa fonte inesgotável de prazer que alimenta a imaginação de crianças e adultos desde os tempos mais remotos da humanidade? Pois bem, o surgimento da literatura ocorreu juntamente com o surgir da tradição oral, estando a primeira enraizada no folclore, com suas lendas e mitos. Para Costa (2008), o principal responsável pelo surgimento da literatura infantil é o homem, que ao sentir necessidade de transmitir ideias e acontecimentos, encontrou na ficção uma maneira de transmitir a “herança cultural”, acumulada pela humanidade no decorrer dos tempos. Assim sendo, surgem no século VI a.C. as primeiras fábulas com Esopo, escravo, fabulista e contador de histórias grego. As suas fábulas eram oriundas da cultura popular, nas quais os animais representavam valores e defeitos humanos com a finalidade moral explícita. Esopo não deixou nenhum manuscrito de suas fábulas, sendo essas apenas transmitidas por intermédio da tradição oral. No entanto, no ano de 325 a.C., as fábulas de Esopo foram reunidas por Demétrio de Falera, formando uma obra manuscrita de fábulas.

Contudo, é no período da Idade Média e do Renascimento (séculos XV a XVII aproximadamente) que datam-se os primeiros livros considerados da literatura infantil, são eles “os catecismos”, criados pelos padres jesuítas com a finalidade de pregar o Cristianismo às crianças, ou seja, a princípio, a literatura infantil surgiu com fins moralizadores, já que a criança era vista como um adulto em miniatura, sendo educada em consonância com os objetivos e visão de mundo traçados pelos adultos. Deixando-se de lado as necessidades e capacidades desenvolvidas e presentes na infância.

Porém, é no século XVII que as histórias escritas, ainda sem um público-alvo, começaram a ser compreendidas e vistas como obras voltadas ao público infantil. Nesta perspectiva, Jean de La Fontaine (1621-1695), por volta de 1668, publicou um manuscrito de

124 fábulas, as quais eram escritas em uma linguagem simples e atraente, compreendendo histórias de animais com um fundo moral. Outro escritor da época foi Charles Perrault (1628-1703), contemporâneo do fabulista La Fontaine, que publicou em 1695 os “Contos da mamãe ganso”, os quais eram adaptações literárias de contos populares transmitidos oralmente. Perrault apresentava em suas obras vários tipos de sociedades da época, enfatizando em suas narrativas a forma mágica e própria das crianças encararem as situações cotidianas.

Já no século XVIII, em meio a uma sociedade que se desenvolvia juntamente com a industrialização e se modernizava devido às novas tecnologias, a literatura infantil assumiu a condição de mercadoria. O respectivo século trouxe consigo o aperfeiçoamento da tipografia e a publicação de obras voltadas ao público infantil, facilitando a propagação dos gêneros literários. Enquanto isso, no século XIX, escritores partem da repetição de produções bem-sucedidas. Entre estes, destacam-se os pesquisadores e folcloristas alemães Jacob e Wilhelm Carl Grimm, que no ano de 1812 editaram a coleção Contos de Grimm, cujas histórias populares com finais trágicos eram modificadas apresentando finais felizes, para serem lidas por crianças e adolescentes. As histórias contavam ainda com a forte presença de personagens femininos, que davam aos contos um rumo para o bem ou o mal.

Já no Brasil, a literatura infantil surgiu por volta de 1808, com a implantação da Imprensa Régia. Porém, as obras publicadas para as crianças não eram adequadas, já que apresentavam uma leitura esporádica e insuficiente, contendo problemas de tradução, tendo em vista que os textos eram oriundos da Europa e traduzidos para o português, tornando-se de difícil entendimento no país. Somente em 1921 é que começam a surgir obras enriquecedoras para a literatura infantil, as quais demonstravam em seus textos aspectos de imaginação, enredo, movimentação de diálogos, linguagem visual, humor e graça. Esses livros são de autoria de Monteiro Lobato, tendo como título: *Narizinho Arrebitado*. As obras de Lobato foram consideradas os melhores clássicos da Literatura Infantil brasileira, pois realçavam a criação de personagens incumbidos na linguagem brasileira, dentro de um universo revestido do folclore. No que tange à atualidade, a literatura infantil no Brasil se estende para além da educação formal. Tendo como pano de fundo a função de educar e informar, e como aspecto primordial proporcionar ao sujeito o conhecimento do indivíduo-leitor, o entretenimento, o lúdico, o reconhecimento dos diferentes tipos de narrativa, e principalmente a compreensão do “eu” e do mundo.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

“Ouvir histórias é um acontecimento tão Prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades”.
(GOMES; FRANÇA, 2013)

Devemos admitir que ouvir uma boa história é fascinante, pois além de viajarmos aos mais diferentes lugares e tempos sem sairmos do lugar, deparamo-nos com personagens que parecem compreender nossos sentimentos e desejos mais ocultos. Mas não pensem que o ato de contar e ouvir histórias é um privilégio da sociedade contemporânea, pois se enganam, esta surgiu antes mesmo da invenção da escrita, sendo utilizada como meio de transmissão de informações, histórias e culturas. Assim, podemos afirmar que os contadores de história surgiram com a humanidade.

Segundo Costa (2008), a evolução da civilização humana permitiu o refinamento dos recursos da contação de histórias, onde a arte de contar histórias passa a ganhar formatos e intenções diferentes. As narrativas, pensamentos e sentimentos dos homens juntaram-se a recursos como o palco, a música e figurinos. Neste sentido, os contadores de histórias estão hoje presentes em todas as sociedades, “representam uma espécie de crônica viva das histórias dos mais diferentes povos” (COSTA, 2008, p. 47), ou seja, os contadores de histórias continuam com o legado de passar a cultura e as histórias de um povo para o outro, de uma pessoa para a outra. Não deixando a história, os folclores e contos se perderem/morrerem.

Já as comunidades ágrafas¹ convertem seus contadores em “historiadores” e “sacerdotes”, pois acreditam que esses últimos cultivam em suas narrativas os saberes e cultura do povo. Enquanto isso, as comunidades possuidoras da escrita veem os contadores de histórias enquanto mensageiros vivos de saberes registrados e algumas vezes até desconhecidos. Nessa linha, os contadores passam a serem vistos e compreendidos enquanto atores e artistas da oralidade, os quais “articulam a ficção e o público; os pensamentos, expressos nos textos, com a reflexão momentânea dos ouvintes; os sentimentos, registrados na escrita, com as emoções despertadas no calor da contação” (COSTA, 2008, p. 47).

Para Yunes (1998, p.12 apud COSTA, 2008, p. 49) contar histórias é uma necessidade da existência humana, para conhecermos o que somos enquanto indivíduos e cidadãos de uma sociedade, tendo em vista que “não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas *ficções*; é refazer a experiência, retificar a história real”. Mediante o exposto, compreendemos que a contação de histórias é um ato de transferência e interiorização da cultura, pois através da relação entre

¹ Comunidades que fazem somente o uso da modalidade oral da língua, não possuindo um sistema próprio de escrita.

fantasia e realidade existente na contação e de seus múltiplos meios de ser trabalhada, possibilita aos indivíduos conhecerem a si mesmos e compreenderem que existem mais pessoas incluídas no meio em que vivem e na situação em que se encontram.

Segundo Costa (2008), é comum encontrarmos na sociedade a associação do ato de contar histórias ao público infantil. Para a autora, esse aspecto é decorrente das histórias imaginativas terem se tornado o meio de integrar as crianças no universo cultural. Mas, para além do resgate da cultura, a contação de histórias “proporciona momentos em que o ouvinte trabalha mais intensamente, e de maneira individualizada, o seu imaginário. Há, portanto, uma função psíquica formadora na contação de histórias” (COSTA, 2008, p. 49). Ou seja, a contação vai para além do divertimento e de proporcionar prazer aos indivíduos, ela trabalha o imaginário, o lúdico, a memória dos indivíduos com ela envolvidos, tanto contador quanto ouvinte, além de propiciar o ensino-aprendizagem de forma mais interativa e dinâmica, e oportunizar ao ouvinte a compreensão de si próprio e do mundo que o cerca.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

“Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um texto com tesouro escondido, que cada leitor encontra um lugar diferente e que para cada leitor é outro”.
(COLASANTI, 2009)

É com base nesta epígrafe, que gostaríamos de destacar o quão importante a literatura é para a criança nos primeiros anos de vida, pois com ela descobrem-se caminhos despercebidos, novos horizontes e maneiras diferentes de aprender. Neste caso, a literatura infantil é um fator primordial na formação do futuro leitor, pois está intimamente ligada à imaginação que surge da curiosidade, instigando diferentes visões de mundo e percorrendo o mundo da fantasia.

Em tempos atuais, conforme ressalta Pereira (2007), a literatura infantil vem sendo um fator muito debatido, considerando a sua influência na vida da criança, pois elas iniciam o interesse pela “leitura de mundo” desde pequenas, dependendo dos estímulos que lhes são apresentados. Assim sendo, o ambiente no qual a criança convive, isto é, os estímulos que a criança recebe tanto da família como da escola referente a livros infantis, fornecem ricas aprendizagens para seu desenvolvimento. Deste modo, se a criança for estimulada desde pequena a ouvir histórias, no decorrer de seu crescimento sempre buscará ter o hábito pela leitura, auxiliando na sua criatividade, imaginação e a expressar com melhor desenvoltura

suas ideias. Além disso, cabe ressaltar que os livros não devem ser um instrumento que objetiva formar crianças somente para a leitura, mas também para compreender e interpretar aquilo que é lido, formando o senso crítico da criança.

Diante desse contexto, deve ser incentivado tanto pelos pais quanto pelo educador, que a criança esteja em contato frequente com os livros. Elas demonstram interesse em conhecer suas formas, cores, figuras, como também a ouvir a história. Portanto, oferecer um livro para a criança contar a história do seu jeito é uma alternativa viável, pelo fato de retirar elementos da história que ela ouviu e criar novos por meio da leitura das ilustrações. Desse modo, a criança começa a perceber a estrutura do livro e a obter experiências com as formas de composição textual. A propósito, o livro deve ser um instrumento presente no dia-a-dia das crianças para assim, proceder-se o início do processo da formação como leitores. Para isso, Kaercher (2001, p. 83) menciona:

Cabe destacar, [...] que estou me referindo a leitores como sendo pessoas que leiam, com fluência e frequência, mas também por prazer, por alegria, por desejo próprio. É igualmente importante frisar que, quando me refiro à leitura, estou concebendo-a como um processo amplo de construção de sentidos, que não se reduz apenas ao domínio da palavra escrita, mas que, fundamentalmente, abrange as diversas linguagens (gráfico-plástica, musical, corporal, imagética, etc.) que fazem parte (ou deveriam fazer) do dia-a-dia da educação infantil.

Somando a isto, a autora supracitada destaca duas fases importantes da vida para o desenvolvimento da criança perante a literatura. A primeira abrange de zero aos dois anos de idade (aproximadamente), requerendo a construção da relação da criança com o livro, para ela explorar e apreciar. Sendo que, com o tempo a criança compreenderá a importância do livro, se o adulto ou educador for um contador que utiliza técnicas de tonalidade da voz, enchendo de vida e emoção cada personagem da história, fazendo com que ela perceba este objeto como se fosse um “brinquedo” que proporciona diversão e emoção, como também auxilia na organização das emoções como: medo, angústia, alegria, ciúme e etc. A segunda percorre pelos três e seis anos de idade (aproximadamente), pois nesse período as crianças ampliam seu vocabulário da língua portuguesa e começam a se interessar pela escrita. Dessa forma, as histórias e a sua leitura passam a ter um sentido especial. Mas para isso, é importante organizar um ambiente confortável e agradável, para que todos consigam escutar, acompanhar a narrativa e visualizar a maneira como o adulto ou educador manuseia o livro. Com efeito, a prática de contar histórias ou de ser interpretada pelas crianças proporciona a aprendizagem, desenvolve valores, estimula a interação e a capacidade de percepção. Assim sendo, se as crianças forem instigadas desde pequenas a terem contato com o livro, logo desenvolverão o

gosto pela leitura e a tê-la como um divertimento.

Mas afinal, quais as temáticas que circulam pela literatura infantil? A resposta para esta questão encontra-se no trabalho sobre a presença e a ausência de determinados temas na literatura infantil, escrito por Paiva (2008), em que aponta três grandes grupos: “1) a fantasia como tradição; 2) o conteúdo como opção; e 3) a realidade como aposta”. O primeiro grupo envolve títulos tradicionais com narrativas encantatórias, ex: contos de fadas e fábulas. No segundo grupo, prevalecem as obras que abordam conteúdos escolares, conseqüentemente, servindo de recurso de aprendizagem de conteúdos e valores. Já no terceiro grupo, as produções literárias ancoram-se na realidade vivida pelas crianças o que as permite se reconhecer nas histórias e fazer associações entre a fantasia e a realidade.

Frente às temáticas acima enfatizadas, compreendemos essas enquanto enriquecedoras para que as crianças desenvolvam o hábito pela leitura. No entanto, percebemos atualmente que a maioria das crianças não tem vontade de ler habitualmente. Para isso, é papel da educação infantil estimular na criança o prazer pelos livros, visando desenvolver na criança o gosto pela leitura. Nesse sentido, é importante selecionar bons livros, que apresentem um linguajar convidativo e prazeroso. Assim sendo, Cantarelli, Cardoso e Simioni (2006) constatam que devido à empolgação que a criança tem pela literatura, surgirá o empenho em aprender o código escrito, possibilitando várias significações e ideias de como criar e esclarecer suas ideias.

Dessa forma, as ferramentas literárias oferecidas pela escola devem considerar um olhar geral para o exercício do estímulo da mente, “na percepção do real, na consciência do mundo, no próprio estudo e conhecimento da língua e expressão verbal” (CANTARELLI; CARDOSO; SIMIONI, 2006). Todavia, o professor deve ter em mente que a criança é um ser em construção, que busca através da sua interação com os outros, incorporar a sua cultura. É assim que a escola deve conceber seu papel perante a literatura.

2.4 PÓ DE PIRLIMPIMPIM... A HISTÓRIA VAI COMEÇAR: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA



Fotografia 03 – Personagens dos contos de fadas.
Fonte: Imagens google, 2015.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”
(ABRAMOVICH, 1997)

Desde que nascemos e durante toda a nossa vida, ouvimos histórias. A narrativa faz parte da vida da criança desde que ela é bebê, por meio das canções de ninar, que mais tarde dão lugar às cantigas de roda, as histórias e contos de fadas. Segundo Regatieri (2008), a contação de histórias tem como principal objetivo divertir e entreter, porém, Abramovich (1997) vai além ao enfatizar que a contação de histórias influencia também na formação da criança, sendo o início da formação de um leitor e um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

Estamos sempre em busca de novas informações. Assim, utilizamos as histórias na tentativa de dar sentido aos diversos acontecimentos que nos cercam. Desta forma, o educador deve instigar a criança à reflexão e problematização de questões que façam esta pensar, fazer descobertas e construir a sua aprendizagem. Segundo as autoras Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 402), a contação de histórias tem por objetivos:

[...] favorecer a identificação com as personagens; [...] conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; [...] mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; [...] verbalizar e exteriorizar os problemas.

Mediante o exposto, podemos afirmar que a contação de histórias representa muito mais que um diálogo encenado, ela revela em sua essência uma magia que pode transformar a realidade da criança no que diz respeito à compreensão de si própria e do mundo que a cerca. Seguindo essa linha, nos deparamos com as autoras Ramos e Oliveira (2012), as quais enfatizam que a contação de histórias é um ponto de partida para a realização de descobertas, na medida em que oportuniza às crianças a possibilidade de interpretar a história, interagir e discutir em grupo, e então formar a sua própria opinião e senso crítico. Além de, através dos momentos mágicos de contação as crianças descobrirem diferentes lugares, tempos, culturas, tradições, etc. Nessa perspectiva, assim como as autoras, temos a convicção de que o ato de contar histórias oferece múltiplos conhecimentos e descobertas, podendo também, mudar o futuro de uma criança, pois aborda temas, de forma lúdica, correlacionados com a realidade do sujeito ou do que ele pode vir a enfrentar na vida, tendo em vista que através da contação de histórias a criança tem suas atitudes influenciadas.

Portanto, compreendemos que o ato de contar histórias permite ao sujeito o seu desenvolvimento intelectual, psicológico e emocional, além de estruturar o imaginário das crianças na medida em que traz consigo uma constante relação entre fantasia e realidade, onde

uma reflete na outra, servindo a fantasia muitas vezes de base para a criança compreender as situações cotidianas. Seguindo esta perspectiva, apreendemos que enquanto cresce a criança vai criando a sua identidade pessoal embasada no que a cerca e nos modelos de filho(a), pai, mãe, amigo, aluno(a), dentre outros que a ela são apresentados, sendo a contação de histórias uma das ferramentas utilizadas para desenvolver e fundamentar a personalidade da criança e lhe introduzir na cultura a qual pertence. Logo acreditamos que a subjetividade da criança que participa direta ou indiretamente da contação de histórias sofre modificações.

Sobre esta mesma ótica de compreensão da contação de histórias, Souza e Bernardino (2011, p. 237) sublinham que ela pode servir como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental, devido à escuta de histórias estimular na criança a imaginação, educar, instruir, desenvolver a sua cognição, introduzir a criança no processo de leitura e escrita, além de proporcionar à criança uma gama de informações e conhecimentos que passam a instigar a ação criadora, estimulando novas experiências.

Nas histórias infantis, deparamo-nos com a gramática do conto, a qual compreende “os personagens, apresentação inicial do conto, sucessão de eventos/ações complexas e o final” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 238). Para as autoras supracitadas, essa ordem facilita para a criança a compreensão textual e conseqüentemente a criação de suas próprias histórias imaginárias, além de contribuir para o desenvolvimento oral e escrito. Tendo em vista que a interação da criança nos primeiros anos de vida com livros ilustrados com ou sem textos, assim como com as contações de histórias, possibilitam à criança compreender as relações existentes entre a língua falada e a escrita, sendo impulsionado o seu processo de aquisição da leitura, permitindo-lhe ir além da pura decodificação do código linguístico. Desse modo, podemos afirmar que por intermédio do encanto e ludicidade que permeiam os momentos de contação, o ato de aprender torna-se mais interativo, instigante e significativo, pois a literatura infantil permite à criança apreender diferentes conteúdos escolares de forma interdisciplinar e lúdica, tendo a fantasia como base.

De acordo com Silva, Costa e Mello (2011), ao contar histórias o educador deve saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar, e conseqüentemente buscar perceber se essas estão instruindo, comovendo e agradando as crianças. Corroborando com essa ideia, Moraes (2012) enfatiza que se faz indispensável na contação de histórias levarmos em consideração o papel social do ouvinte, o que pode surtir na necessidade da realização de adaptações e modificações na narração, e na criação de diferentes objetivos a serem alcançados com a atividade.

Todavia, existem diferentes formas e instrumentos que poderão auxiliar o contador no

ato de contar histórias, entre elas podemos destacar o livro, o teatro, os sons, as sombras e os fantoches, cabendo ao contador/educador elaborar estratégias, técnicas e escolha de materiais adequados para o público alvo com que ele irá trabalhar a história, visando o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, Abramovich (1997, p. 20) ressalta que antes de uma contação de histórias, é necessário o educador “ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, [...] e que por isso, chega no ouvinte...”. Em outras palavras, a contação de histórias não é apenas o ato de contar o que leu, ouviu, visualizou ou vivenciou. É mais do que isso, é um ato de entrega, em que o contador se doa para o ouvinte, fazendo da sua voz e gestos, principalmente, um convite para uma viagem no mundo da fantasia. Por esse motivo o contador deve estar munido de conhecimento, criatividade, fantasia e técnicas, para tornar o seu espetáculo significativo.

Contudo, dentre os vários indicadores que nos guiam na seleção das histórias, ressaltam-se os interesses dominantes em cada faixa etária. Segundo Coelho (1986, p. 15), a história é “um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral”, uma vez que a história é assimilada pela criança dependendo do seu nível de desenvolvimento psicológico e emocional. Para a autora, na fase pré-mágica (0-3 anos), as histórias devem conter um enredo de fácil compreensão, vivo e atraente. Devendo as histórias destinadas às crianças dessa fase, envolver situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva de seu meio, social, contendo ritmo e repetição. Já a fase mágica, que se estende dos três anos até por volta dos sete anos de idade, é dividida em dois períodos, sendo o primeiro marcado pela preferência da criança por narrações com o mínimo de texto e expressões repetidas, é o período do “conte de novo”. Enquanto no segundo período a criança começa a desejar enredos que envolvam animais domésticos, alimentos, flores etc. Nessa etapa a criança passa a optar por histórias que envolvam enredos mais longos, devido ao desenvolvimento de sua linguagem.

Já no que diz respeito ao reconto de histórias, Borghi (2010), embasada em Walter Benjamin (1994), enfatiza que cada vez que a criança reconta um conto ela repovoa o seu imaginário com personagens diversificados, desenvolvendo uma escuta sensível e atenta ao outro. Para a autora, o reconto oral de histórias permite a criança os seguintes aprendizados cognitivos: “desenvolvimento da expressão oral, estrutura da narrativa, sequência e encadeamento de fatos, ampliação de repertório, apropriação da linguagem que se escreve, de vocabulário e expressões etc.” (BORGHI, 2010, p. 8). Entretanto, faz-se importante destacarmos que ao referir-se à escuta atenta, Borghi (2010) vai além do simples ouvir com os

ouvidos, pois a autora considera que a contação de histórias é um momento em que os cinco sentidos do sujeito são ativos. Portanto, ao almejarmos obter a escuta atenta das crianças nos momentos de contação, teremos que abandonar a visão de que as crianças estarão prestando atenção somente se estiverem quietas e imóveis, permitindo a essas se envolverem com a história contada, a partir de suas características particulares.

2.5 COMPREENDENDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA A PARTIR DE VYGOTSKY

“É no âmago das interações no interior do coletivo, das relações com o outro, que a criança terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas”.
(RABELLO; PASSOS, 2014)

Lev Semenovich Vygotsky, psicólogo Bielo-Russo, nasceu na cidade de Orsha no ano de 1896, vindo a falecer aos 61 anos em Moscou em 1934. Vygotsky dedicou seus estudos à compreensão da origem e do desenvolvimento dos processos psicológicos do homem, tendo por base o desenvolvimento do homem a partir da sua cultura, do seu convívio social e com o ambiente em que está inserido. Para Vygotsky (apud RABELLO; PASSOS, 2014, p. 1), o desenvolvimento humano encontra-se atrelado a uma evolução contínua do homem durante seu ciclo vital, porém nem sempre é linear tal evolução, já que ocorre em diversas áreas da existência humana, tais como afetiva, cognitiva, social e motora. Sendo assim, podemos afirmar que o desenvolvimento do ser humano é resultante de seu processo de maturação biológica e da interação que este mantém com o meio² que o cerca. Nessa perspectiva, o teórico enfatiza que o sujeito é interativo, já que adquire conhecimentos por intermédio de relações e de troca com o meio, o que ocorre a partir do processo de mediação. Assim sendo, compreendemos por mediação a relação estabelecida pelos homens entre si e destes com o mundo, a partir da utilização de instrumentos e símbolos, construídos historicamente e culturalmente. A esse respeito, Rego (1995, p. 42) conclui que a relação do homem com o mundo “não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas ‘ferramentas auxiliares’ da atividade humana”. As relações do ser humano com o meio constituem-se a alavanca para os processos de desenvolvimento e a aprendizagem do homem. Isso significa dizer que: “os processo caminham juntos, ainda que não em paralelo”

² Por meio entende-se “algo muito amplo, que envolva cultura, sociedade, práticas e interações” (RABELLO; PASSOS, 2014, p. 2).

(RABELLO; PASSOS, 2014, p. 4).

Em relação ao desenvolvimento psicológico, Rodrigues, Bravo e Araújo (2014, p. 75), amparados pela teoria histórico-cultural, afirmam ser este desenvolvimento produto de instituições sociais e sistemas educacionais, que auxiliam o indivíduo a “construir o próprio pensamento e descobrir o significado da ação do outro e da própria ação”. Levando em consideração o exposto, compreendemos que é a partir da contínua interação da criança com o meio e com os indivíduos deste, que ocorrerá a formação de novas e mais complexas funções mentais. Isto significa dizer que, é a partir das mediações com o meio social, que a criança reconstrói individualmente as ações que são realizadas externamente, aprendendo a organizar os seus próprios processos mentais, ou seja, a criança passa a não mais apoiar-se em signos externos, mas em recursos internalizados (como imagens, representações mentais, conceitos etc.) para desenvolver as suas funções mentais. Significa dizer que, o desenvolvimento psicológico é impulsionado pela aprendizagem, esta última ocorrendo por meio do processo de internalização de conceitos, os quais são “promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar” (RABELLO; PASSOS, 2014, p. 4-5).

Entretanto, ancoradas nos estudos de Vygotsky, Rego (1995, p. 120-121) afirma que o homem possui habilidades como pensar, raciocinar, deduzir e abstrair, mas por outro lado, é um ser que têm sentimentos, emoção, desejos, imaginação e se sensibiliza. Partindo dessa premissa, Vygotsky (2010, p. 144) afirma que o trabalho do pedagogo deve consistir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem o conhecimento, mas também o sintam. Dado o exposto, compreendemos a contação de histórias enquanto um instrumento essencial para se trabalhar a estimulação do pensamento, da memória e da imaginação das crianças, uma vez que, o momento de contação transmite emoção, além de ser um convite para uma navegação pelo mundo do faz de conta e exploração da imaginação.

Nesse patamar, Vygotsky (2009, p. 14) apreende a imaginação enquanto uma atividade criadora baseada na capacidade de nosso cérebro combinar e reelaborar, de forma criadora, “elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”. Para o autor supracitado, existem quatro formas principais que estabelecem a relação entre a imaginação e a realidade: A primeira diz respeito a toda obra da imaginação construir-se a partir de elementos tomados da realidade e de experiências vivenciadas anteriormente pelo sujeito; Já a segunda forma, aponta que a relação do produto final da imaginação com algum fenômeno real torna-se possível devido à experiência alheia ou social. Isto é, a partir de outrem a criança pode imaginar o que não vivenciou diretamente em sua experiência particular; Enquanto a terceira forma de relação entre a realidade e a atividade de

imaginação é de cunho emocional. Manifestando-se de dois modos: de um lado, o sentimento seleciona “elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo” (VYGOTSKY, 2009, p. 26). Essa influência da emoção sobre a fantasia combinatória denomina-se de lei do signo emocional comum, de onde resulta uma obra combinada da imaginação que tem por base o sentimento. Entretanto, existe ainda uma relação inversa, onde a imaginação influi no sentimento, isto é, “qualquer construção da fantasia influi inversamente sobre nossos sentimentos e, a despeito de essa construção por si só não corresponder a realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa, e dela se apossa” (VYGOTSKY, 2009, p. 28); Por fim, mas não menos importante temos a quarta forma de relação entre fantasia e realidade. Essa refere-se à construção da imaginação ter a possibilidade de ser algo totalmente novo, isto é, que não têm relação com as experiências vividas pelo sujeito e nem com experiências que lhes são transmitidas por outras pessoas. Entretanto, Vygotsky (2009, p. 29) enfatiza que ao adquirir uma concretude material, essa imaginação é “cristalizada”, passando a existir no mundo e a influir sobre outras coisas. Dessa forma, a imaginação passa a ser realidade. Dado o exposto, evidenciamos que os fatores intelectuais e emocionais são indispensáveis para o ato de criação da imaginação, tendo em vista que, para a teoria histórico-cultural, ambos os fatores acima descritos movem a criação humana.

Mas, como sabemos toda atividade da imaginação costuma apresentar uma trajetória ampla, pois a criação surge durante um longo período de gestação até o ser humano ir se desenvolvendo. Deste modo, Vygotsky (2009, p. 34) nos aponta que o ato da criação da imaginação passa por um processo constante, o qual se inicia com as percepções internas e externas, que são o liame para ir constituindo a nossa experiência. Com base nisso, a criança vai adquirindo por meio dos outros um material para subsequentemente construir a sua fantasia, e ao decorrer desse processo vai reelaborando novas impressões sobre este material.

Neste sentido, a dissociação e associação são dois elementos indispensáveis para que esse processo possa acontecer. Ao passo que, “qualquer impressão representa em si um todo complexo, composto de múltiplas partes separadas” (VYGOTSKY, 2009, p. 36). Assim sendo, a dissociação é um fator que transforma um todo, em várias partes separadas, considerando que, umas são mais relevantes, outras se estabilizam e algumas são esquecidas, se repercutindo em um aspecto favorável para que o exercício posterior da fantasia possa acontecer. Já a associação, repercute na união dos elementos que foram dissociados e alterados.

Por fim, acontece a organização do imaginário se objetando em imagens individuais.

Porém, o seu ciclo não para por aí, pois como já destacamos ela se cristaliza em imagens externas. No entanto, para que a passagem da imaginação à realidade possa acontecer se faz necessário a presença de alguns fatores, como a necessidade do homem pela busca de novos desafios e a realização dos seus desejos. Para isto se concretizar, precisa-se que as imagens ressuscitem, ou seja, que saiam do oculto e se manifestem realmente. Acrescentando a isso, a imaginação costuma ser um aspecto interno, mas depende das condições externas para se concretizar. Assim sendo, a criação depende de experiências anteriores (condições materiais e históricas), como também de possibilidades que passarão a existir.

Nesse cenário proposto por Vygotsky (2009), a contação de histórias apresenta-se enquanto imprescindível para que a criança desenvolva a sua imaginação, sendo que através dos atos de ouvir e ver que dar-se-á a base para futuras criações, isto é, para a imaginação. Deste modo, compreendemos a contação de histórias enquanto um momento que favorece a relação entre realidade e fantasia, e conseqüentemente a ação do sujeito no mundo. Na medida em que, a imaginação ganha concretude e passa a existir e influir na realidade.

Entretanto, defendemos ainda, que os momentos de contação de histórias realizados nos Centros de Educação Infantil favorecem a aquisição da linguagem e conseqüentemente o desenvolvimento do pensamento das crianças. Uma vez que para Vygotsky (2001), a aquisição da linguagem passa por três fases: a linguagem social, a linguagem egocêntrica e a linguagem interior. Sendo a primeira fase da linguagem estabelecida através das interações que a criança institui com o mundo social, a partir de conversas, expressões e assimilações. Já a fala egocêntrica, acontece quando a fala social (comunicativa) intercede para a fala interna, isto é, aquela que acontece em nosso interior através do pensamento intelectual. Por fim, surge a fala interior ou discurso interior, o qual acontece quando o pensamento organiza as palavras, sem o auxílio da fala. Nisso realiza-se um pensamento em palavras.

No que tange à formação de conceitos, o psicólogo Bielo-Russo distingue a formação de conceitos cotidianos ou espontâneos, dos conceitos científicos. Sendo os conceitos cotidianos decorrentes da interação social da criança, tomados como construções culturais que são internalizadas pelos indivíduos através da palavra, a qual dirige o processo de formação de conceitos em consonância com as categorias culturalmente organizadas. Já os conceitos científicos são adquiridos através do ensino, sendo organizados em sistemas de inter-relações. A esse respeito, Oliveira (1992, p. 32) grifa que os conceitos científicos implicam “uma atitude metacognitiva, isto é, de consciência e controle deliberado por parte do indivíduo, que domina seu conteúdo no nível de sua definição e de sua relação com outros conceitos”. No entanto, faz-se importante salientarmos que os conceitos científicos e os conceitos

espontâneos encontram-se intimamente relacionados, na medida em que, para a criança absorver um conceito científico, torna-se imprescindível que está tenha alcançado certo nível de desenvolvimento de um conceito cotidiano, relativo ao científico.

Contudo, Vygotsky (2007) enfatiza que o aprendizado e desenvolvimento do sujeito encontram-se inter-relacionados. Utilizando dos seguintes conceitos para explicar essa relação: Nível de Desenvolvimento Real (NDR) onde a criança resolve seus problemas independentemente, e o Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP) onde a criança necessita da ajuda de um adulto ou companheiro com mais experiência para realizar funções, sendo na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que se encontram as funções que estão em processo de maturação, isto é, as funções que estão em estado embrionário. Em outras palavras, “o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente” (VYGOTSKY, 2007, p.98). Paralelamente, embasada nos estudos de Vygotsky, Chaiklin (2011) enfatiza que a formação de novas estruturas psicológicas são resultantes da transição de um período de desenvolvimento já consolidado para um período posterior ainda não alcançado, sendo sobre esta base de transição dos períodos de desenvolvimento psicológico que o ensino-aprendizagem na escola deverá basear-se e suceder-se.

Nesse sentido, fundamentando-nos teoricamente na perspectiva histórico-cultural, temos a clareza de que a internalização do conhecimento decore de uma organização interna de informações e aprendizagens que a criança adquire estando em contato com outras pessoas e objetos. Assim, a aprendizagem torna-se um processo “zigue-zague”, enriquecido pelas relações que a criança estabelece com seus colegas e professores na ZDP. Sobre essa ótica, a mediação do professor passa a ser um tutoramento, que auxilia as crianças a alcançar patamares que elas ainda não haviam atingido sozinhas. No entanto, para atingir tais patamares, são necessários instrumentos mediadores e, conforme Davis e Oliveira (2010, p. 63), “os instrumentos mediadores [...] são instrumentos sociais e que foram construídos pelo homem no decorrer da história humana [...]” como é o caso dos sistemas sócio-culturais, fala, escrita, bem como a ajuda de livros, professores e colegas. Nesse sentido, compreendemos “o desenvolvimento humano como um empreendimento conjunto e não individual, construído na e pela interação das crianças com outras pessoas, [...] e é fruto de experiências anteriores, que servem de base para novas construções” (RIVERO, 2011, p. 7).

2.6 REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA E O PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



“O professor, quando passa a contador de história, vai além de ser humano e transcende seu próprio Ser. Faz do exercício de contar a sua maneira de falar, deixa de ser pessoa simplesmente e adentra em um mundo que só a criança compreende”.
(MODESTO; ROCHA; BITENCOURT, 2010).

Fotografia 04 – Contação de história.
Fonte: Arquivos pessoais Marizane, 2014.

É ao transcendermos o nosso próprio Ser enquanto educadoras e contadoras de histórias, que compreendemos o quanto nos doamos ao ouvinte/criança através de nossa fala, gestos e emoções que deixamos pairar no ar juntamente com a magia e a ludicidade que convidam a criança a adentrar no mundo da fantasia, onde ela estará protegida e salva de todos os males e seus medos, podendo ser princesa, príncipe, fada, ter varinha mágica, enfim, tudo o que não lhe é possível e tangível no mundo real. Além de a contação de histórias permitir à criança compreender os seus sentimentos e conseqüentemente saber como agir em relação a esses, dando ordem ao caos que muitas vezes é o seu interior quando não compreendido.

Deste modo, resgataremos neste momento a experiência por nós vivida no Estágio Supervisionado na Educação Infantil no primeiro semestre do ano de 2014. Período este em que surgiu a fantoche *Tatá*, fiel amiga da turma do Maternal II do CEI Dona Ilse, que nos auxiliou na exploração da imaginação e criatividade das crianças, assim como, permitiu a essas adentrarem no mundo da fantasia e de nós estagiárias no mundo das crianças, além de, a referida fantoche ter tornado as ações pedagógicas realizadas mais significativas. Assim sendo, temos a convicção de que todos os momentos foram reflexivos em relação à importância da imaginação da criança para o seu desenvolvimento psicológico, emocional e compreensão do mundo, porém, vamos nos aprofundar nos momentos de contação de histórias, tema que gerou nosso foco de pesquisa para o TCC em Pedagogia. Entretanto, gostaríamos de frisar que em decorrência de nosso tema de pesquisa ter surgido após o respectivo Estágio Supervisionado, as falas das crianças que aqui aparecerão são oriundas de entrevistas realizadas com as mesmas turmas em que estagiamos, porém no segundo semestre de 2014.

Mas, como nem uma ideia surge do nada ou sem uma base, a nossa proposta de

retornar aos CEI'S campos de estágio de Educação Infantil e realizar entrevistas, originou-se de nossas observações e dos registros que realizamos das crianças no período de estágio. Esses nos apontaram com quais histórias e métodos de contação de histórias que as crianças sentiram-se mais atraídas, assim como, a interação das crianças com os momentos mágicos de contação e navegação pelo mundo da fantasia, onde o brilho no olhar das crianças falava por elas enquanto a imaginação e a ludicidade eram aguçadas ao verem um “simples fantoche” aos olhos dos adultos ganhar vida.

Para tanto, compreendemos a observação enquanto um dos principais métodos de investigação, na medida em que a observação associada a outras técnicas de coleta, a exemplo a entrevista, possibilita “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado” (LÜDKE, 1986, p.26). Sendo a entrevista marcada pelo seu caráter de interação, pois como afirma Lüdke (1986), no ato da entrevista existe uma atmosfera de influência recíproca entre o entrevistador e o entrevistado. Assim sendo, aderimos a entrevista semi-estruturada para retornarmos aos CEI's campos de estágio da Educação Infantil, e então realizarmos a coleta de dados sobre a relação das crianças com a contação de histórias. Utilizamos a respectiva técnica de entrevista em decorrência de essa oferecer ao entrevistador um esquema básico sobre o tema em estudo, esquema este que não tem a necessidade de ser seguido rigidamente, abrindo espaço a adaptações.

No entanto, para realizarmos as entrevistas buscamos adentrarmos primeiramente no mundo das crianças a partir da fantasia, isto é, a partir da contação de histórias. Sendo contadas duas histórias que as crianças já haviam tido contato em nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil, sendo em seguida as mesmas representadas pelas crianças em uma folha de ofício. Porém, visando permitir a todas as crianças responder a nossa entrevista e conseqüentemente perceber o quanto são importantes e que a sua opinião tem valor no mundo dos adultos, realizamos três perguntas da entrevista com cada criança.



Fotografia 05: Desenho da Carolina do maternal II, sobre a história “O Grande Rabanete” (BELINKY, 2002).

Fonte: Arquivos pessoais Jéssica, 2014.

Fotografia 06: Desenho da Maria do maternal I, sobre a história “Vô Nino e sua neta Nina”.
 Fonte: Arquivos pessoais Marizane, 2014.



As entrevistas nos permitiram apreender a visão das crianças quanto ao momento de contação de histórias, seus personagens favoritos, assim como vislumbrar a presença da contação na vida delas, geralmente sendo realizada no CEI pelas educadoras e em casa pelos pais, bem como afirmam as crianças entrevistadas. Já, quando questionadas se gostam de ouvir histórias, como se sentem e como imaginam os personagens, percebemos muitos sentimentos nas falas das crianças, assim como traços da cultura dessas:

“Sim eu gosto! O lobo e a bruxa são brabos e a fada é boazinha” (MARIA³, 3anos)

“Sim. Sinto alegria. De fadinha” (ANA, 4 anos).

Por meio dessas respostas, podemos evidenciar primeiramente que as histórias e o momento de contação são apreendidos de forma diferente por cada criança, devido a esta última sofrer influência do meio em que está inserida, principalmente da sua cultura, no processo de aquisição de informações e igualmente de ensino e aprendizagem.

Constatamos ainda, que a representação mental que as crianças fazem dos personagens atualmente, encontram-se na maioria das vezes relacionados a desenhos animados, em outras palavras, ao que está na mídia. Este fato ganha maior veridicidade ao analisarmos as respostas obtidas para a seguinte indagação: *“Quais os personagens das histórias que você mais gosta?”*, algumas das respostas foram:

“Das princesas e das fadinhas”(CAROL, 4 anos).

“Da barbie” (JOANA, 3 anos).

Enfim, os gostos das crianças referentes a histórias infantis e contos de fadas estão

³ Os nomes das crianças presentes nesse trabalho são fictícios.

cada vez mais baseados na mídia, mais especificamente nos contos de fadas e personagens da Walt Disney. Porém, tais contos de fadas não têm muito a somar quanto ao desenvolvimento psicológico e emocional da criança, pois estes, segundo Sisto (2001 apud MODESTO; ROCHA; BITENCOURT, 2010, p.3), são muito “adocicados”, apresentando em sua narrativa a ausência de conflitos, problemas e turbulências de emoções que as crianças enfrentam em seu dia-a-dia, conseqüentemente tornando esses contos sem significado, “fazendo-lhes perder a dimensão simbólica”.

Para tanto, amparadas em Souza e Bernardino (2011), compreendemos que a ludicidade presente na contação de histórias, para além de estimular a imaginação da criança, tem muito a contribuir para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dessa, assim como, da sua responsabilidade e autoexpressão. Pois, segundo Abramovich (1997, p. 17), a contação de histórias traz entranhado em seu conteúdo a interdisciplinaridade, devido às histórias permitirem às crianças ficarem sabendo história e geografia, “sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”. Portanto, temos a convicção de que quando os conhecimentos são explorados de forma lúdica, o processo de ensino-aprendizagem e de interação realizados nos Centros de Educação Infantil tornam-se mais significativos.

Tivemos a oportunidade de evidenciar o fato acima descrito em nosso Estágio com a turma do maternal II do CEI Dona Ilse, ao trabalharmos com o tema “Alimentação saudável”, no qual se destacou os trabalhos realizados a partir da história “Camilão, o comilão” de Ana Maria Machado (1987), que nos alicerçou para explorarmos temas como a coletividade, a amizade, os alimentos saudáveis, a matemática e a coordenação motora. Dado o exposto, acreditamos que a contação de histórias quando compreendida pelo educador enquanto um meio que favorece à criança o desenvolver e aguçar da sua imaginação e criatividade, o diálogo, a formação de opinião, a reformulação do seu pensamento e a compreensão do mundo, este momento mágico passará a fazer parte do cotidiano dos Centros de Educação Infantil, seja ele voltado ou não para a realização de futuras atividades pedagógicas com a história. Sendo assim, por que não contarmos uma história para as crianças pelo simples fato de proporcionarmos um momento de fantasia?



Fotografia 07 – Contação de histórias.
Fonte: Arquivos pessoais Jéssica, 2014.

Fotografia 08 – Atividade realizada após a história “Camilão, o comilão”.

Fonte: Arquivos pessoais Jéssica, 2014.



Falando em fantasia, um personagem de nosso estágio que não podemos deixar passar sem ser apresentado a você leitor, é a Tatá, um fantoche lindo, divertido, inteligente e muito amado pela turma do Maternal II. Os momentos de contações de histórias e interações com a Tatá, na turma acima mencionada foram extraordinários, pois nos permitiram vislumbrar o quanto a fantasia envolve as crianças e igualmente a entrega que há por parte dessas últimas nesses momentos mágicos, onde realiza-se uma navegação pelo mundo da fantasia. Além do mais, percebemos que um “simples fantoche” aos olhos dos adultos, torna-se um novo ser/personagem para a criançada, tornando conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem e a relação entre estagiárias e crianças mais lúdico e significativo, já que, a nossa amiguinha Tatá nos ajudava a realizar a contação de histórias, declamar poesias, cantar cantigas, e também explicar conceitos científicos em uma linguagem adequada para a idade da turma. Enfim, foi com este ar lúdico e mágico, envolvendo fantasia e realidade, que transcorreu o nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil com a turma do Maternal II no CEI Dona Ilse e igualmente com a turma do Maternal I do CEI Cantinho do Saber.



Fotografia 09: Interação da *Tatá* com a turma do Maternal II.

Fonte: arquivos pessoais Jéssica, 2014

Sendo que no CEI Cantinho do Saber, cada história contada tinha como objetivo explorar diferentes aspectos, incluindo a imaginação e o brincar da criança, sempre almejando encaixar na temática do dia, por exemplo, com a história “E o dente ainda doía” trabalhamos a linguagem matemática e as crianças modelaram os personagens com massinha de modelar, já as histórias “Vamos caçar ursinho” e “Vô Nino e sua neta Nina” visavam

estimular a interação, ludicidade e a imaginação das crianças durante a contação da história.

Enfim, o nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil teve como base os momentos de contação de histórias, a partir dos quais surgiram as ações pedagógicas realizadas nos CEI's campos de estágio, nos possibilitando vislumbrar que através dessa relação as crianças conseguiram apreender e compreender de maneira mais significativa e lúdica os temas trabalhados. Nesta perspectiva, recorremos a Abramovich (1997) que salienta o quanto “é importante para o desenvolvimento de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...”, pois, ao ouvir histórias abre-se variados horizontes para surgir um bom leitor. Além disso, provoca o imaginário da criança, e muitas vezes auxilia também na resolução de problemas e conflitos existentes na vida real. Isto acontece, pelo fato da criança se identificar com os personagens, e encontrar um caminho ou uma solução para as suas dificuldades, originando uma criança confiante em si mesmo e em seu futuro.

3 TATÁ TECE CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Fotografia 10 – Tatá.
Fonte: Arquivos pessoais
Jéssica e Marizane, 2015.



Buscamos refletir no presente trabalho sobre o papel da contação de histórias no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, tendo como base as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil, no ano de 2014, e o estudo de obras e produções que enfatizam a literatura infantil, a contação de histórias e a aprendizagem e o desenvolvimento da criança a partir dos pressupostos da teoria histórico-cultural.

Para tanto, embasadas em Vygotsky (2009), compreendemos os momentos de contação de histórias enquanto enriquecedores do imaginário infantil, ao passo que, a atividade criadora da imaginação encontra-se intrinsecamente relacionada aos fatores intelectual e emocional do ser humano, além de relacionar-se com as experiências vividas pela criança, assim como, aquelas vividas por outros indivíduos que transmitem a criança informações de experiências que essa última não vivenciou. Sendo tido por experiência não somente o ato em que se tem o contato direto com o objeto, mas igualmente a ação de ouvir relatos e escutar histórias de diferentes tradições. Nesse patamar, a contação de histórias torna-se mais significativa e promotora do desenvolvimento imaginário, psicológico, criativo e emocional da criança, assim como, estimuladora da memória dessa última. Para tanto, depreendemos que ao ouvir histórias, contá-las e recontá-las a subjetividade da criança

sofre modificações, sendo a sua identidade pessoal criada.

Paralelamente, a contação de histórias apresenta-se ainda enquanto um instrumento mediador que auxilia o educador na mediação do conhecimento com as crianças, conhecimento este que se tornará mais significativo aos olhos dessas últimas, uma vez que, quando os conhecimentos são explorados de forma lúdica, o processo de ensino-aprendizagem e de interação realizados nos Centros de Educação Infantil tornam-se mais significativos. Esses aspectos foram observados em nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil, quando a fantoche Tatá ganhou vida e se transformou na grande amiga da turma do Maternal II do CEI Dona Ilse. Os momentos de interações com a Tatá nos permitiram visualizar o poder da fantasia, ao ponto que ela envolvia as crianças e tornava o processo de ensino-aprendizagem e a relação entre estagiárias e crianças mais lúdico e significativo, uma vez que, o processo de ensino-aprendizagem proposto no estágio tinha por base a ludicidade e o desenvolver e aguçar da imaginação das crianças.

Igualmente, as entrevistas realizadas com as crianças das turmas do Maternal I e II, nos apontaram que essas recorrem, na grande maioria das vezes às histórias na tentativa de dar significado aos acontecimentos que as cercam, vindo a compreender a esses e a si próprias ao se colocarem no lugar de diferentes personagens. Sendo a preferência das crianças por personagens midiáticos. Nesse sentido, compreendemos que a contação de histórias para além de promover às crianças a satisfação de suas necessidades emocionais, psicológicas, imaginárias e físicas, também lhes possibilita fazer descobertas e compreender o meio em que vive, aprendendo a lidar com as suas emoções e situações cotidianas.

Já no que tange os pressupostos da teoria histórico-cultural, esta nos aponta que o desenvolvimento humano sempre tende a evoluir continuamente, durante o seu ciclo vital, mas nem sempre é linear tal evolução, pois ocorre em diversas áreas da existência humana, tais como afetiva, cognitiva, social e motora. Desse modo, podemos afirmar que as relações do ser humano com o meio, constituem a alavanca para os processos de aprendizagem e desenvolvimento do homem. Seguindo esta linha de raciocínio, Vygotsky (2007) utiliza o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para determinar o espaço onde ocorre a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, ao passo que, é na ZDP onde se encontram as funções em maturação.

Nesse sentido, fundamentando-nos teoricamente na perspectiva histórico-cultural, temos a clareza de que a internalização do conhecimento decore de uma organização interna de informações e aprendizagens que a criança adquire estando em contato com outras pessoas e objetos. Sendo a mediação do professor um tutoramento, que auxilia a criança a alcançar

patamares que ela ainda não havia atingido sozinha. Dado o exposto, avaliamos que é na ZDP, onde se encontram as funções psicológicas em maturação, em que a contação de histórias atuará, uma vez que esta desenvolve a imaginação da criança, a qual é uma função superior, e igualmente colabora para o processo de desenvolvimento das habilidades cognitivas do sujeito.

Enfim, após o período de um ano de reflexões e estudos na produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, podemos afirmar que a contação de histórias contribui no processo de aprendizagem da criança e no seu desenvolvimento, na medida em que, ambos sucedem-se a partir das interações vivenciadas pela criança com o meio em que está inserida. Sendo a contação de histórias um meio de mediação e interação da criança com a sua cultura, os sujeitos que a ela pertencem, assim como, com os mais diversificados conhecimentos. Além de esse momento mágico fazer o equilíbrio entre o psicológico e o biológico, instigar a criança a construir o seu conhecimento, desenvolver a sua imaginação e criatividade, e compreender o meio em que esta inserida. Para tanto, é mediante ao exposto no artigo que agora se encerra que defendemos a introdução da contação de histórias no planejamento cotidiano dos educadores dos Centros de Educação Infantil, ao passo que, compreendemos esse momento enquanto um caminho de descobertas e compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BORGHI, Maria. L. A formação das preferências leitoras na Educação Infantil. In: São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Percursos de aprendizagens: leitura e reconto – a rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil/Secretaria Municipal de Educação**. São Paulo: SME/DOT, 2010.

CANTARELLI, A. P.; CARDOSO, E. O.; SIMIONI, R. Literatura infantil: instrumento educacional. In: 12ª JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E 2º CONGRESSO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO. **Educação e sociedade: perspectivas educacionais do século XXI**, 2006, Santa Maria – RS.

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vygotsky sobre aprendizagem e ensino. Tradutora Juliana Campregher Pasqualini. **Psicol. Estud.**, v. 16, n. 4, p. 659-75, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a16v16n4>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

COLASANTI, Marina. **Do seu coração partido**. São Paulo: Global, 2009.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura infantil**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Marli C.; FRANÇA, Ireni A. M. **Contação de histórias: despertando o gosto pela leitura**. 04 dez. 2013. Disponível em: <http://www.cefaprocaceres.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=949:contacao-de-historias-despertando-o-gosto-pela-leitura&catid=26:pedagogia&Itemid=134>. Acesso em: 13 nov. 2014.

KAERCHER, Gládis E. E por falar em literatura... In: CRAIDY, Carmem M.; KAERCHER, Gládis E. P. S. (org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 81-7.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkanp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jan. 2015.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/ Menga Lüdke, Marli E.D.A. André.** – São Paulo: EPU, 1986.

MODESTO, Isva Maria; ROCHA, Janete Batista; BITENCOURT, Ricardo Barbosa. As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, 2010, Recife. **Anais Eletrônicos...** Recife, 2010.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Maria Suely. A importância da literatura infantil nas séries iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://www.sieduca.com.br/admin/upload/11_resumo_samanta.doc>. Acesso em: 27 jan. 2015.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2014.

RAMOS, M.; OLIVEIRA, S. M. N. Era uma vez...: é só o começo da história. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 8, n. 14, p. 113-9, maio 2012.

REGATIERI, L. P. P. Didatismo na contação de histórias. **Em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 30-40, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20511/10942>>. Acesso em: 06 maio 2015.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 138 p.

RIVERO, Andréa Simões. A brincadeira das crianças na formação de professoras de Educação Infantil. **Revista Eletrônica Zero a Seis**, Centro de Ciências e Educação – UFSC, v. 23, p. 1-12, 2011.

RODRIGUES, Grenes A. S.; BRAVO, Dirlan O. M.; ARAÚJO, Michell P. M. A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental. **Revista Facevv**, n. 12, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/12/Artigo%206.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2014.

SILVA, Lésia M. Fernandes; COSTA Edna Aparecida da; MELLO Ana Maria. “Os contos que as caixas contam”. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde e col. (org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista de Educação Educere Et Educare**, v. 6, n. 2, p. 235-49, jul./dez. 2011. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/.../4643/4891](http://revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/.../4643/4891)>. Acesso em: 19 nov. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, set. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Lev%20Semenovich%20Vygotsky-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos**. Organizadores Michael Cole et al.; Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção textos de psicologia).